



# Um campeão consciente do papel do esporte e da Educação Física Escolar

Foto: Arquivo CBB



**Wlamir Marques atuando pela seleção brasileira de basquetebol, equipe com a qual alcançou dois títulos mundiais e duas medalhas Olímpicas**

O Profissional Wlamir, Bicampeão Mundial de Basquetebol, nos anos de 1959 e 1963, e medalhista de bronze nas Olimpíadas de 1960, em Roma, e de 1964, em Tóquio, só ingressou na Faculdade quando já gozava de "conhecimento" e, não, reconhecimento, como ele costuma dizer. Aos 34 anos de idade, em 1971, a Educação Física começava a conhecer, não o atleta, mas o homem e, mais tarde, o Profissional Wlamir.

Nesta entrevista, ele conta que, entre 1954 e 1970, o Brasil conseguiu formar praticamente duas gerações de atletas excepcionais. Treinava-se muito e essa geração abandonou o estudo, a família, os amigos etc., vivendo apenas para jogar Basquetebol.

Financeiramente, ganhavam muito pouco, aliás, os ganhos não passavam de uma ajuda de custos, obrigando os atletas a trabalhar em outras áreas

para garantir o sustento da família. Foram anos muito difíceis, nos quais os que queriam continuar praticando esporte faziam enormes sacrifícios, renunciando a muitas coisas, na época, mas que proporcionaram uma trajetória maravilhosa. Assim, conseguiu alcançar objetivos que qualquer desportista almeja.



**E.F. – Vários Profissionais que contribuíram de forma contundente para o desenvolvimento da Educação Física no país foram homenageados, pelo Sistema CONFEF/CREFs, com o Prêmio CREF4/SP de Benemérito de Educação Física. O senhor estava entre estes homenageados. Como vê este reconhecimento?**

Prof. Wlamir – Entrei na Faculdade de Educação Física de Santo André, no ano de 1971, ou seja, estava com 34 anos. Minha origem

foi o esporte e quando entrei no curso já era muito conhecido, pelo fato de ter sido Bicampeão Mundial e Medalhista Olímpico. Uso o termo "conhecido" porque "reconhecimento", nesse país, é algo que não existe. Aqui nada se perpetua. A nossa cultura não permite isso. O que passou, passou! Por isso, me emocionei muito, quando fui agraciado pelo Sistema CONFEF/CREFs, pois foi a primeira honraria que recebi como Profissional de Educação Física. Nem sei se a mereço, mas a iniciativa deve ser seguida, porque, com certeza, outros nomes fizeram e farão muito pela Educação Física no Brasil. Agradeço demais essa homenagem.

*E.F. – O novo Ministro do Esporte tem afirmado que os resultados positivos alcançados pelos desportistas brasileiros em competições internacionais, são fonte de inspiração para a criação de novas gerações de atletas. No entanto, percebemos que os programas não são continuados e, geralmente, duram apenas enquanto o evento se sustenta na mídia. Se o Basquetebol foi campeão, surgem inúmeros projetos nesse segmento. Quando o Guga volta a ganhar, o Tênis passa a ser o próximo garimpo. Como analisa essa situação?*

Prof. Wlamir – A princípio, não gosto de qualquer tipo de projeto de governo, seja ele Municipal, Estadual ou Federal. Todos são de cunho político e todos, sem exceção, acabam extintos. Duram enquanto dura o governo que o pôs em prática... nenhum tem continuidade. Os governos gastam muito dinheiro e, no final, na hora de colher os frutos, on-

de estão os resultados? Tudo acaba na vontade dos próximos governantes. Por isso, o nosso esporte se escora nos clubes, mas, como se sabe, os mesmos passam por problemas financeiros. Alguns estão falidos e, a exemplo dos governos, também vivem na dependência de a Diretoria gostar, ou não, de tal modalidade. Praticar esporte neste país é muito difícil e, até hoje, não encontraram solução, porque a nossa cultura não é a de solucionar, mas a de tirar proveito.

*E.F. – Como a Educação Física Escolar contribui para a formação de uma potência Olímpica?*

Prof. Wlamir – A Educação Física Escolar é o sustentáculo do esporte. Eu saí de lá. Aliás, 99% dos nossos atletas saíram das escolas. Ali é que começa tudo! É onde a criança busca sua identidade desportiva, seja nas aulas recreativas, seja nas aulas de iniciação desportiva. Eu acrescento mais: deveria ser obrigatório o treinamento para todas as modalidades Olímpicas, ou pelo menos para aquelas escolhidas pelos alunos. Atualmente, a Educação Física Escolar fica à mercê da vontade deste ou daquele Diretor, ou das famosas APMs (Associações de Pais e Mestres), que nesse caso pouco atuam.

*E.F. – O Brasil é um país com quase 200 milhões de habitantes. Pequena parcela desta população tem acesso à prática desportiva. Mesmo assim, a cada ano surgem novos talentos em todos os segmentos esportivos. Com programas de longo prazo, esta característica poderia ser facilmente*



*ampliada. Ou seja, poderíamos descobrir muito mais talentos em cada modalidade. Dentro de sua experiência internacional, que alternativas o governo tem para alcançar tal objetivo? Qual o papel da iniciativa privada neste sentido e o que ela poderia receber em troca?*

Prof. Wlamir – Outro dia falei sobre isso na TV. É verdade... Somos 200 milhões de habitantes e ainda não encontramos uma identidade desportiva. Não conseguimos progredir porque não há continuidade, e ficamos satisfeitos quando surgem alguns "fenômenos". Tais "fenômenos" surgem não se sabe de onde, nem quando. O que foi feito para que eles chegassem àquela posição? Quem contribuiu? Já perceberam que a primeira lembrança destes 'fenômenos', após suas conquistas, é a gratidão ao incentivo familiar? Por que? Porque foi a família que pagou a condução, o tênis, a roupa... Enfim, se não fosse pela família, muitos destes 'fenômenos' não existiriam. Após os primeiros resultados, aparecem vários 'pais do fenômeno': o dirigente que se gaba de tê-lo contratado, o clube que se orgulha de tê-lo defendendo suas cores e bandeira, mas, para que ele chegasse até ali, o que realmente fizeram?

NADA, como sempre... Infelizmente, neste país, nada se forja. Tudo aparece do nada. É claro que existem as exceções, que não passam disso: exceções.

*E.F. – Outra questão bastante presente no novo Governo é a da inclusão social através do esporte. Quais as suas impressões a respeito?*

*Prof. Wlamir* – Esse discurso não é novo. Eu, pelo menos, já ouvi falar nisto umas vinte vezes. Quando se muda o governo, seja ele qual for, é comum ouvirmos isso. Parece uma prática muito comum na política. E o esporte é sempre citado dessa forma. Criam-se projetos, como já mencionamos, gasta-se dinheiro e, de prático mesmo, nada ou quase nada aparece. Mas, é claro que o esporte ajuda na inclusão social. Não é necessário ser sociólogo para afirmar isto. Massificar é um termo bastante político, mas, me digam: algum projeto de massificação deu o resultado que nós esperávamos?

Ocorre que a massificação dá voto.

*E.F. – Qual o papel da Educação Física Escolar nesse contexto de transformações sociais e políticas?*

*Prof. Wlamir* – Não há outra forma de iniciarmos o trabalho! Às vezes, o clube pode ter esse papel, mas há a cobrança da mensalidade e de taxas para que se possa frequentar as escolinhas, o que o torna inviável para a maioria da população. Daí a importância da escola. A criança se destaca em algum torneio colegial ou intercolegial e, então, é procurada pelos clubes. Ou então, o professor do colégio indica alguma criança a algum colega que trabalha para clubes... O papel da Educação Física Escolar é o de funcionar como um caminho, uma porta de entrada no mundo desportivo.

*E.F. – 2003 foi escolhido pelo Sistema CONFEF/CREFs como o Ano da Responsabilidade Ética. Qual a importância desta questão?*

*Prof. Wlamir* – Acho ótimo que o CONFEF tenha tomado essa iniciativa. A luta é difícil, mas algum dia, nós poderemos estar bem melhores do que hoje. No nosso país, falta educação e, com certeza, o povo não tem a mínima noção do que é ético ou antiético. E quando falo o povo, eu incluo os professores, os doutores, os administradores, os políticos etc., etc., etc.

*E.F. – Como analisa o desenvolvimento da Educação Física nesses últimos anos?*

*Prof. Wlamir* – A meu ver, a Educação Física não se desenvolveu porque, até hoje, não sabemos o que queremos. Por que não criarmos uma Educação Física nacional? Uma Educação Física ao nosso modo, com as nossas características, com as nossas necessidades? Cada escola adota um modelo, um estilo. Há uma imposição dos Diretores e orientadores pedagógicos e a coisa acaba ficando na mão de quem não



Foto: Arquivo CBB

**Wlamir Marques e tantos outros atletas campeões pela seleção brasileira de Basquetebol se encontram para lembrar o tempo em que ainda atuavam. Acima, um desses encontros organizados pela Confederação Brasileira de Basquetebol. Ao lado, o atleta Wlamir e seus companheiros de equipe.**

Foto: Arquivo CBB



tem nada a ver com a Educação Física. Outro aspecto é o de a Educação Física estar sendo executada como no passado, de quem a coordena. É normal se ouvir: “no meu tempo era bom”; “esta forma é ruim porque eu não gostava”, quando um professor assume a disciplina. Há muita gente estipulando normas para a Educação Física, sentada em salas de aulas, sem nunca ter vestido um calção ou um tênis. Gostaria de dar uma resposta bem diferente desta, mas é o que eu vejo.

### *E.F. – E o trabalho do CONFEF?*

*Prof. Wlamir* – Acho ótimo que tenhamos um órgão controlador e normatizador de nossa profissão. Acho que foi a grande conquista da Educação Física em nosso país. Minhas críticas são ásperas porque cansei de encarar coisa errada e falta de ética em nossa profissão. Há uma ansiedade na área, pelo sucesso do CONFEF. De longe, eu imagino o que devem estar passando os Conselheiros ao tentarem arrumar a casa. Nada é fácil, nesse país, mas, pelo menos, já possuímos os meios para as modificações.

### *E.F. – Quantos aos Profissionais que estão entrando no mercado, qual a sua impressão?*

*Prof. Wlamir* – Esse é o tendão de Aquiles da Educação Física. Sou professor universitário há trinta anos. Já ajudei a formar em torno de 11 mil alunos. Eu perguntaria: São eles profundos conhecedores de Basquetebol? Não, não são. Mas conhecem profundamente um profissional, uma pessoa que os amou muito e os amará eternamente. O dia

em que o aluno de Educação Física for tratado com mais respeito, teremos melhores professores. É preciso frisar que ser Profissional de Educação Física não é apenas dar exercícios com ou sem bola, é, acima de tudo, amar o que se faz e se apaixonar por aqueles que estão fazendo suas aulas. Não há outra maneira de sobreviver que não seja em função do amor. Reclamamos da falta de educação de nosso povo, e nós, professores, sofremos muito com isso, mas o que realmente falta é amor e fé. Parece que é necessário que o povo viva atormentado, sofrendo, carecendo de afeto... Enquanto isto não mudar, estaremos formando homens e mulheres incapazes de discernir sobre seus erros e acertos.

### *E.F. – Houve uma adequação das Escolas de Ensino Superior às necessidades atuais do mercado?*

*Prof. Wlamir* – Acredito que já houve uma adequação nos setores burocrático e administrativo. Com relação à prática da Educação Física, nada mudou. A diferença é que, agora, existem mais Pós-Graduados (em que?), muito mais Mestres (do que?) e muito mais Doutores (para que?). Hoje o que vale é o título, não importando como foi conseguido... A experiência foi sucateada em troca de títulos e diplomas.

### *E.F. – A Educação Física foi finalmente reconhecida como uma Profissão da área da Saúde. Quais as conseqüências para a sociedade e para o Profissional?*

*Prof. Wlamir* – Sempre trabalhamos para a Saúde do ser humano, nunca

foi diferente. Mas sempre existe aquele que acredita ter descoberto "pelo em ovo" e lança temas óbvios. Profissionalmente falando, traz status, prestígio. O importante é que o Profissional possa dizer: “Eu sou da prática, do suor na camisa, sou do batente (como se diz na gíria)”. Tenho 65 anos e ainda estou em campo. Orgulho-me muito mais disso do que de qualquer outro título que conquistei.

### *E.F. – Qual conselho deixaria para os Profissionais de Educação Física e para aqueles que pensam em seguir esta profissão?*

*Prof. Wlamir* – Qualquer um que, ao ler esta entrevista, ainda queira trabalhar com a Educação Física, ou com esporte nesse país, não pode esquecer de uma coisa: você tem talento para isso? Se não tem, pule fora. Não dá para enganar nessa profissão. Ou você é, ou não é! Há muita gente de fora da área, por aí. Alguns podem até conseguir iludir durante um certo tempo, mas não conseguirão para sempre. A entrega pessoal é muito grande e ser forte não significa muito para se conseguir vencer nessa carreira. Esqueça os músculos... Pense nos neurônios!

Mais importante de tudo é a fé. Esta é a maior força de todas. Faço questão de deixar aqui, algumas palavras que regem a minha vida:

*"Os ensinamentos de Cristo estão muito acima dos pensamentos das quadras, e o homem só vai entender isso quando se libertar do seu corpo e começar a viver para sua alma."*

